

Superando a viuvez na velhice: o uso de estratégias de enfrentamento

Overcoming widowhood in old age: the use of coping strategies

Thaísa Gapski Pereira Galicioli
Ewellyne Suely de Lima Lopes
Dóris Firmino Rabelo

RESUMO: A viuvez é um grande desafio emocional, significando não apenas a perda do companheiro, mas a ruptura de todos os aspectos da vida do sobrevivente. Investigaram-se as estratégias de enfrentamento utilizadas por 30 idosos viúvos e verificou-se que, tanto homens quanto mulheres, usam com maior frequência, estratégias focadas nos problemas seguidas pelas práticas religiosas.

Palavras-chave: Viuvez; Idoso; Coping.

ABSTRACT: *Widowhood is one of the hardest emotional challenges in the life course. This research investigated coping strategies used by a group of 30 widowed elders. The results indicated that widows and widowers tend to employ more frequently action-based coping and religious practice.*

Keywords: *Widowhood; Bereavement; Coping.*

A morte do cônjuge é um dos maiores desafios emocionais enfrentados na velhice devido ao seu impacto na vida do viúvo e das suas repercussões físicas e emocionais. A perda de pessoas queridas é, usualmente, uma experiência estressante, mesmo que o ente querido esteja doente há algum tempo (Parkes, 1998).

Em casamentos longos e estáveis, a morte de um dos cônjuges pode deixar um enorme vazio – é a perda de um amor, um confidente, um bom amigo e um companheiro de longa data. Essa perda também é sentida quando o casamento não foi bom, pois o sobrevivente perde o papel de cônjuge. Para a mulher idosa, que usualmente estruturou sua vida e sua identidade em torno dos afazeres domésticos e dos cuidados do marido, o enfrentamento da perda pode ser, particularmente, muito difícil (Rubio, Wanderley & Ventura, 2011).

Além da perda do companheiro e de um importante papel, ocorre uma mudança na vida social do enlutado. Um novo sentido à identidade é gerado pelo novo estado civil e homens e mulheres atribuem significados diferentes à viuvez. Os amigos e os familiares, num primeiro momento, quase sempre se reúnem ao lado deste. No entanto, pouco tempo depois, retornam para seus afazeres e suas vidas, distanciando-se do enviuvado. Alguns amigos casados podem se sentir mal com o pensamento de que a perda poderia acontecer com eles também e, assim, evitam o viúvo e a viúva que, muitas vezes, sentem-se sem lugar no contato com casais que foram amigos por muitos anos (Parkes, 1998).

O luto envolve uma sucessão de quadros clínicos acerca das reações a uma perda significativa e ao seu processo de adaptação. No luto observa-se uma desorganização emocional e no idoso podem ocorrer distúrbios da alimentação, do sono, manifestações somáticas, sintomas depressivos e de ansiedade (Oliveira & Lopes, 2008). O luto em idosos está associado a um maior risco de transtorno mental, pior saúde geral, maior mortalidade e uma percepção mais negativa da própria memória (Trentini, Werlang, Xavier & Argimon, 2009).

Além disso, os idosos comumente vivenciam situações que podem sobrecarregar o luto, tais como os problemas financeiros e as doenças graves (Kovács, 2008). As mudanças decorrentes da morte do cônjuge são grandes e inevitáveis e requerem esforços adaptativos por parte do viúvo. Nesse momento, os recursos internos são fortemente mobilizados para o enfrentamento da tristeza e para a retomada da funcionalidade no cotidiano (Silva & Nardi, 2011).

A forma de vivenciar a viuvez varia conforme a história de vida e a personalidade de cada um, bem como das estratégias de enfrentamento utilizadas nessa situação. Sendo este um evento mais frequente na velhice, especialmente para as mulheres, é de grande relevância compreender quais as estratégias que têm sido usadas pelos idosos para superá-lo. Encontramos no grupo dos idosos enlutados uma maior vulnerabilidade, fato que exige a atenção e o tratamento de profissionais da saúde (Doll, 2011).

Kubler-Ross (1987) propõe uma análise do luto como um processo de enfrentamento e cita a existência dos estágios de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Segundo a autora, não se deve fixar um padrão, mas estar atento à experiência clínica. Nesse sentido, Santos e Sales (2011) destacam que o luto é vivenciado de maneira diferente para cada indivíduo, sendo difícil estabelecer um modelo universal para as reações que seguem a perda.

Numa perspectiva cognitivista, Folkman e Lazarus (1980) definem estratégia de enfrentamento (*coping*) como um conjunto de esforços, sejam eles cognitivos ou comportamentais, para lidar com situações de estresse, cuja demanda pode ser interna ou externa, e que são avaliadas pelos indivíduos como um evento que sobrecarrega ou excede os seus recursos pessoais. Os autores propõem, ainda, um modelo que divide a estratégia de enfrentamento em duas categorias funcionais: estratégia de enfrentamento focalizada no problema e estratégia de enfrentamento focalizada na emoção. A primeira acontece quando tais circunstâncias são vistas com uma possibilidade de mudança. Já a segunda ocorre, de forma geral, quando se conclui que nada pode ser feito para modificar as circunstâncias ameaçadoras do ambiente. As estratégias de enfrentamento são classificadas em dois tipos: dirigidas para o meio (estratégias para alterar pressões ambientais) e dirigidas para si mesmo (estratégias voltadas para mudanças cognitivas ou motivacionais).

Seidl, Tróccoli e Zannon (2001) destacam as estratégias de busca de suporte social, a religiosidade e a distração. Couto, Novo e Koller (2009) investigaram como a rede de apoio social se articula com o bem-estar psicológico em idosos expostos a eventos de vida estressantes na cidade de Porto Alegre (RS). Os resultados mostraram o efeito protetor das redes de apoio social, de maneira que a maior qualidade desta (maior equilíbrio na reciprocidade entre os tipos de apoio) contribui para a manutenção do bem-estar psicológico, potencializando a resiliência frente aos eventos adversos. Dentro

da rede social informal, a família é a fonte primária de suporte e o principal recurso potencializador da saúde física e mental.

A religiosidade/espiritualidade pode ser considerada como um recurso cognitivo, emocional e comportamental para lidar com uma situação considerada difícil pelo indivíduo. Para Socci (2010), enquanto recurso de enfrentamento, pode suavizar o impacto de eventos negativos, bem como facilitar a aceitação de perdas. Pode ser entendida também como uma motivação para a busca de um sentido para a vida.

A distração ou o atentar para outros estímulos é outra estratégia de enfrentamento, sendo uma técnica utilizada na psicoterapia para o manejo da ansiedade, levando à sua diminuição ou controle. (Seidl, Tróccoli & Zannon, 2001). Vale ressaltar que os diferentes tipos de estratégias de enfrentamento não são excludentes, podendo ser utilizados simultaneamente.

Considerando o impacto da viuvez na qualidade de vida dos velhos e o fato de que cada indivíduo enfrenta esse momento de forma diferente devido às próprias vivências e estratégias de enfrentamento desenvolvidas ao longo da vida, faz-se importante uma maior exploração acerca de tal problemática. O objetivo do presente estudo foi investigar as estratégias de enfrentamento utilizadas por idosos frente à viuvez e identificar as possíveis diferenças de gênero. Acredita-se que os resultados poderão oferecer subsídios para que os profissionais da saúde visualizem novas formas de atuação e intervenção junto a essa população.

Método

Participantes

Participou uma amostra intencional composta por 30 idosos que perderam seus cônjuges nos últimos dois anos, residentes na cidade de Uberlândia (MG). Participaram 15 viúvos com idade média de 71,4 anos (DP = 8,3 anos) e 15 viúvas com idade média de 68,8 anos (DP = 8,3 anos). As viúvas foram casadas, em média, por 45,08 anos (DP = 10,75 anos), e os viúvos, por 42,8 anos (DP = 13,3 anos).

Com relação ao tempo de viuvez, as mulheres eram viúvas há, em média, 1,4 anos (DP = 8 meses), enquanto os homens eram viúvos há 1,3 anos (DP = 6 meses).

Todos os sujeitos afirmaram ter uma religião, sendo que a maioria (80%) declarou-se católica.

Instrumentos

Foi utilizado um questionário com questões sociodemográficas (sexo, data de nascimento e escolaridade, tempo de viuvez) e com questões abertas a respeito da percepção sobre a vida conjugal e a viuvez. A fim de investigar as estratégias de enfrentamento, utilizou-se a Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP), de Vitaliano e colaboradores, em sua versão adaptada para o português (Seidl, Tróccoli, Faria & Zannon, 2001). A EMEP contém 45 itens, distribuídos em quatro grupos: enfrentamento focalizado no problema (18 itens); enfrentamento focalizado na emoção (15 itens); busca de suporte social (5 itens); busca de práticas religiosas (7 itens). As respostas são dadas em uma escala tipo Likert, de 5 pontos (1 = Eu nunca faço isso; 2 = Eu faço isso um pouco; 3 = Eu faço isso às vezes; 4 = Eu faço isso muito e; 5 = Eu faço isso sempre). Para identificar outras estratégias de enfrentamento utilizadas pelos viúvos e não incluídas na EMEP, foi feita a seguinte pergunta aberta no final do instrumento: “O(a) Senhor(a) tem feito alguma outra coisa para enfrentar ou lidar com a viuvez?”

Procedimentos

O recrutamento dos viúvos foi feito por profissionais da área da saúde (médico, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo) ou por outros idosos, que indicaram aos pesquisadores os sujeitos que preenchiam os critérios de inclusão na pesquisa (ter idade igual ou superior a 60 anos, ter perdido o cônjuge nos últimos dois anos, residentes na comunidade da cidade de Uberlândia (MG), sem déficit sensorial ou estado de saúde graves capazes de comprometer a compreensão). Entrevistas individuais foram agendadas, conforme a disponibilidade de cada idoso, e realizadas em suas residências, tendo uma duração média de 90 minutos.

Análise dos dados

Tendo-se finalizado a coleta de dados, as questões abertas sobre a percepção individual a respeito da vida conjugal e da viuvez foram analisadas e categorizadas conforme as respostas dos sujeitos. Posteriormente, tais categorias foram submetidas à análise estatística, juntamente com os demais dados obtidos, utilizando-se o programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences). O nível de significância estabelecido para os testes estatísticos foi de $p < 0,05$.

Foram calculadas frequência e porcentagem dos dados sociodemográficos e das categorias encontradas a partir das questões abertas. Em relação aos quatro domínios investigados pela EMEP, foi aplicado o teste U de Mann-Whitney, com o objetivo de verificar a existência, ou não, de diferenças, estatisticamente significantes, entre os escores obtidos pelos viúvos e pelas viúvas.

Considerações Éticas

O projeto de pesquisa deste estudo foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (MG).

Resultados e Discussão

Dos idosos viúvos pesquisados, 60% relataram unicamente aspectos positivos do casamento, sendo 30% dos homens e 30% das mulheres. Essa idealização também esteve presente em relação à descrição do cônjuge falecido para 66,7% dos entrevistados (33,3% dos homens e 33,3% das mulheres).

Esta é uma estratégia que ajuda a suavizar o luto, isto é, cultiva-se a sensação de que a pessoa está por perto, criando-se uma idealização tanto do falecido quanto do casamento por meio do reviver de situações felizes. Diante disso, os tributos ao falecido são destacados e enaltecidos, pois isso representa que ele é merecedor da dor dos sobreviventes (Oliveira & Lopes, 2008). Seguem-se, a respeito, algumas emissões: *“Uma companheira perfeita, como mulher, amiga, mãe sempre presente”* (viúvo, 65

anos). *“Alegre, trabalhador, tinha facilidade em fazer amigos, pessoa muito boa”* (viúva, 78 anos).

Por outro lado, 16,7% dos homens e 20,0% das mulheres afirmaram ter vivido um bom casamento, mas com conflitos. Apenas 3,3% dos entrevistados, de ambos os sexos, afirmaram ter tido uma relação ruim com o cônjuge. Com relação à descrição que fizeram do cônjuge falecido, 13,3% dos homens e 16,7% das mulheres citaram tanto aspectos positivos quanto negativos, e 3,3% dos homens citaram somente pontos negativos da falecida.

A Tabela 1 mostra os principais sentimentos vivenciados nos primeiros meses de viuvez por indivíduos de ambos os sexos. A maioria dos viúvos (43,3%) relatou ter vivenciado com maior intensidade o sentimento da falta do cônjuge e 23,4% dos entrevistados buscaram suporte social, sendo esse comportamento mais frequente entre as mulheres.

Tabela 1 - Distribuição de porcentagens de respostas dos sujeitos, quanto aos sentimentos vivenciados nos primeiros meses de viuvez

	Masc. (%)	Fem. (%)	Total (%)
Tristeza profunda	6,7	6,7	13,3
Solidão	6,7	0,0	6,7
Busca de suporte	6,7	16,7	23,4
Sentimento de falta	23,3	20,0	43,3
Desamparo	6,7	6,7	13,3
Total	50,0	50,0	100,0

Segundo Baldin e Fortes (2008), a forma como os indivíduos lidam com a morte e expressam o luto depende da cultura em que estão inseridos e há diferenças de gênero nas respostas à perda. Os sentimentos de tristeza, perplexidade, desamparo, dispersão, solidão, alívio e saudade foram experimentados pelos enviuvados nos primeiros meses de viuvez e apontados como a principal mudança sentida nessa etapa de vida.

Os significados de ser viúvo, hoje, para os idosos da pesquisa foram: muita solidão, incompletude, liberdade, falta de proteção, repressão, transformação, estranhamento e isolamento.

Nas respostas dos enviuvados, observou-se o sentimento de falta emocional e da presença física da companheira falecida, por exemplo: “*A pior coisa da vida. Eu chorava direto, às vezes chorava no trabalho, no carro, em casa ficava no escuro, sozinho, triste*” (viúvo, 78 anos). “*Sinto falta dos cuidados que eu tinha com ele, os curativos, banho, comidinha... Sinto-me uma inútil agora*” (viúva, 61 anos).

Conforme Linhares (2007), as mulheres conseguem manifestar seu sofrimento com maior facilidade e esse sentimento, quando vivenciado, possibilita a chance de fazer a vida continuar. Por outro lado, os homens têm uma grande dificuldade em expressar sua fragilidade diante da morte e, então, pode surgir uma dificuldade em organizar-se para seguir adiante.

Os idosos foram também questionados sobre as mudanças ocorridas em suas vidas depois que enviuvaram. Do total, 23,3% indicaram a ocorrência de mudanças no estilo de vida, tais como: mudar de residência, passar a morar com os filhos, praticar atividades diferentes ou deixar de realizar atividades que fazia juntamente com o companheiro.

Vinte por cento dos entrevistados relataram a necessidade de assumir o controle de atividades que eram desempenhadas pelo cônjuge, tais como: finanças ou atividades domésticas.

A mudança mais indicada pelos entrevistados (30%) foi a vivência dos sentimentos de falta e solidão.

Foram ainda apontados sentimentos de negação e raiva (10,0%), bem como da possibilidade de liberdade, autocuidado e recomeço (13,3%). Apenas um dos viúvos entrevistados (3,3%) relatou a busca por novos relacionamentos.

A Tabela 2, abaixo, mostra as diferenças entre os sexos quanto às mudanças ocorridas após a viuvez indicadas pelos entrevistados.

Tabela 2 - Distribuição de porcentagens de respostas dos sujeitos, quanto às mudanças na vida, depois que enviuvou

	Masc. (%)	Fem. (%)	Total (%)
Mudança no estilo de vida	6,7	16,7	23,3
Controle de atividades	10,0	10,0	20,0
Sentimento de falta, solidão	20,0	10,0	30,0
Negação, raiva	6,7	3,3	10,0
Liberdade, autocuidado, recomeço	3,3	10,0	13,3
Busca por novos relacionamentos	3,3	0,0	3,3
Total	50,0	50,0	100,0

A tristeza é indício de saúde frente à desventura, e a não-vivência dessa tristeza tem implicações quase sempre prejudiciais e, geralmente, de expressivo alcance na vida do pessoa (Peruzzo, Jung & Soares, 2007). O sentimento de tristeza falado pelos viúvos e viúvas tem característica adaptativa na maior parte dos relatos, por exemplo: *“Mudou tudo, vivo triste, emagreci, tenho dificuldade para comer, não tenho fome; fico o tempo todo na praça onde converso com amigos, volto no último ônibus da tarde; fui ao médico, estou tomando remédio para tristeza”* (viúvo, 78 anos). *Me senti triste, arrasada, perdida, sem saber o que fazer; fiquei fisicamente fraca”* (viúva, 78 anos).

Quando questionados sobre o que significa ser viúvo hoje, 20,0% falam de aceitação, (13,3% para homens e 6,7% para mulheres), 33,3% falam de solidão, tristeza e isolamento (20,0% para mulheres e 13,3% para homens), 6,7% falam de busca por outro companheiro (3,3% para homens e para mulheres), 20,0% relatam serem discriminados e tratados com pena (10,0% para homens e para mulheres) e 20,0% alegam liberdade, autocuidado e recomeço (10,0% para homens e para mulheres).

Motta (1998) relata que depoimentos sobre o desejo, a precisão ou a satisfação em morar só na velhice começam a ocorrer por parte das mulheres, na maioria das vezes. Isso reforça a teoria da aspiração, da maior liberdade e tranquilidade, de ser valorizadas, como ideias das mulheres idosas atuais, que também podem estar viúvas. Debert (1999) aponta que, atualmente, a viuvez tem assumido um significado de autonomia e liberdade para as idosas atuais, as quais, durante sua juventude e vida adulta, não tiveram liberdade devido às relações de gênero prevalentes.

Na pesquisa, as viúvas falam de liberdade, autocuidado e recomeço, como representado pelas seguintes emissões: “*Comecei a participar do grupo de orações e a viajar mais com o grupo da igreja*” (viúva, 66 anos). “*Não mudou muito, viajo; ser viúva é ter mais liberdade; meu marido não me deixava fazer essas viagens e participar de grupos na igreja [...] ele era ciumento*” (viúva, 66 anos).

Com relação às estratégias de enfrentamento utilizadas frente à viuvez, buscou-se pelo teste de Mann-Whitney verificar as diferenças, estatisticamente significantes, entre os escores obtidos pelos viúvos e pelas viúvas. As probabilidades encontradas são apresentadas na Tabela 3. De acordo com os resultados demonstrados, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos domínios estratégias de enfrentamento focalizadas no problema e estratégias de enfrentamento focalizadas na emoção. Os valores mais elevados foram obtidos pelas viúvas, indicando que elas utilizam essas estratégias com maior frequência do que os homens.

Tabela 3 - Escores obtidos pelos viúvos e pelas viúvas, considerando-se os quatro domínios da EMEP

Domínios	Masc.		Fem.		Probabilidades
	Média	DP	Média	DP	
Estratégias focalizadas no problema	3,5	1,4	3,9	1,3	0,046*
Estratégias focalizadas na emoção	1,6	1,1	2,0	1,4	0,022*
Prática religiosa/ pensamento fantasioso	3,5	1,5	3,9	1,3	0,113
Busca de suporte social	3,1	1,8	3,5	1,5	0,210

(*) $p < 0,05$

Os idosos, de modo geral, utilizam com maior frequência as práticas religiosas/pensamento fantasioso e as estratégias de enfrentamento focalizadas no problema. A espiritualidade pode ser um recurso importante para amenizar a solidão e o sofrimento pela perda do cônjuge, sendo relevante conhecer a espiritualidade dos idosos viúvos quando se fala de perdas (Lorencetti & Simonetti, 2005). As respostas dos entrevistados mostram que a dimensão espiritual ocupa um lugar de evidência nas suas vidas: “*Rezava muito e ainda rezo muito para a alma dela*” (viúvo, 69 anos). “*Tinha vontade de sumir, de morrer mesmo. Só continuei vivendo pelos meus filhos e netos; rezava e rezo muito, muito!*” (viúva, 78 anos).

Os viúvos e as viúvas, possivelmente devido à maior experiência anterior com perdas, boa capacidade de adaptação, mostraram, no cotidiano, formas ativas de enfrentamento. Esses meios podem ser ilustrados nas falas dos idosos: *“No dia seguinte, sozinha, continuei a cuidar das obrigações; tinha que fazer como ele”* (viúva, 61 anos). *“Continuei a fazer tudo o que fazia antes; ele ficou muitos anos doente e precisava dos meus cuidados; daí aprendi a resolver coisas da casa para ajudá-lo”* (viúva, 78 anos). As pessoas que já experimentaram perdas e desenvolveram meios efetivos de enfrentamento, como a capacidade de autocuidado, o apoio da família e dos amigos, a autoestima e a competência para atender às exigências da vida diária, são mais capazes de lidar com o luto, usando estratégias positivas.

Os idosos desta pesquisa mostraram que mais anos vividos podem acrescentar maior conhecimento de como lidar com o mundo e, com isso, mais recurso pessoal disponível em situações de crise. Buscaram estratégias para resolver ou alterar aquilo que poderiam exercer algum controle, como a resolução de problemas no ambiente e procurar suporte social, bem como encontrar sentido à experiência da perda através da religiosidade. As mulheres parecem ter maior facilidade para agir e executar um plano de ação para as atividades e dificuldades cotidianas e, também, maior facilidade para expressar seus sentimentos e emoções.

Considerações Finais

A morte do cônjuge foi considerada uma situação muito estressante na vida dos idosos pesquisados. Para lidar com a viuvez, os idosos utilizaram os quatro tipos de estratégias, tendo maior destaque as focalizadas no problema e as práticas religiosas.

As estratégias de enfrentamento focalizadas no problema foram exemplificadas por planos de ação para resolver os próprios problemas relacionados à morte em si, tais como: aceitar que a morte aconteceu e procurar fazer outras coisas. O trabalho, a ajuda da família e de pessoas queridas, bem como a participação nos grupos de reflexão nas igrejas, são exemplos de busca por suporte social. Usando as estratégias focalizadas na emoção, os enviuvados, além de procurarem ajuda profissional para suas angústias e tristezas, também contam sobre as visitas recebidas, das quais gostaram muito, e sobre as expressões de solidariedade, entendidas como uma homenagem ao morto,

confirmando para o enlutado a crença de que o morto merece toda a dor que puder ser sentida e expressada. Como estratégias de enfrentamento focalizadas nas práticas religiosas e pensamentos fantásticos, os idosos viúvos podem ter encontrado, no sentimento de fé, o remédio para ter paz interior, confiança e para poder deixar para trás a viuvez.

O estudo foi realizado com uma amostra formada por critérios de conveniência e pouco representativa, não sendo possível a generalização dos resultados. No entanto, pôde-se evidenciar a importância do apoio aos idosos no processo do luto e da mobilização de recursos sociais e pessoais para o enfrentamento da ausência do cônjuge e para encontrar novos sentidos para a existência. Diferentes caminhos são trilhados por homens e mulheres, preenchidos por sentimentos ambivalentes. Nesse sentido, ressalta-se a importância de novos estudos a respeito do tema.

Referências

- Baldin, C.B. & Fortes, V.L.F. (2008). Viuvez feminina: a fala de um grupo de idosas. *RBCEH*, 5(1), 43-54.
- Couto, M.C.P.P., Novo, R.F. & Koller, S.H. (2009). Relações entre rede de apoio social, bem-estar psicológico e resiliência na velhice. In: Falcão, D.V.S. & Araújo, L.F. (Eds.). *Psicologia do envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados*. Campinas (SP): Alínea.
- Debert, G.G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo (SP): Edusp/Fapesp.
- Doll, J. (2011). Luto e viuvez na velhice. In: Freitas, E.V. & Py, L. (Eds.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1335-1349. (3ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.
- Folkman, S. & Lazarus, R.S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239.
- Kovács, M.J. (2008). Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, 18(41), 457-468.
- Kübler-Ross, E. (1987). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo (SP): Martins Fontes.
- Linhares, J. (2007). Entrevista com Colin Murray Parkes: A dor da morte. *Revista Veja*.
- Lorencetti, A. & Simonetti J.P. (2005). As estratégias de enfrentamento de pacientes durante o tratamento de radioterapia. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(6), 944-950.
- Motta, B.A. (1998). Reinventando fases: a família do idoso. *Caderno Centro de Recursos Humanos*, 11(29), 69-87.

- Oliveira, J.B.A. & Lopes, R.G.C. (2008). O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 217-221.
- Parkes, C.M. (1998). *Luto: estudo sobre a perda na vida adulta*. São Paulo (SP): Summus.
- Peruzzo, A.S., Jung, B.M.G. & Soares, T. (2007). A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(3), 449-461.
- Rubio, M.E., Wanderley, K.S. & Ventura, M.M. (2011). A viuvez: a representação da morte na visão masculina e feminina. *Kairós Gerontologia*, 14(1), 137-147. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.
- Santos, E. M. & Sales, C.A. (2011). Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto & Contexto Enfermagem*, 20, 214-222.
- Seidl, E.M.F., Tróccoli, B.T. & Zannon, C.M.L.da C. (2001). Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 225-234.
- Silva, A.C.O. & Nardi, A.E. (2011). Terapia cognitivo-comportamental para luto pela morte súbita do cônjuge. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(5), 213-215.
- Socci, V. (2010). Religiosidade e o adulto idoso. In: Witter, G.P. (Ed.). *Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas*, 87-102. Campinas (SP): Alínea.
- Trentini, C.M., Werlang, B.S.G., Xavier, F.M.F. & Argimon, I.I.L. (2009). A relação entre variáveis de saúde mental e cognição em idosos viúvos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 22(2), 236-243.

Recebido em 01/08/2012

Aceito em 12/08/2012

Thaís Gapski Pereira Galicioli - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Ewellyne Suely de Lima Lopes - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Dóris Firmino Rabelo – Professora Assistente do Centro de Ciências da Saúde da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

E-mail: drisrabelo@yahoo.com.br